

A realidade nos trilhos da ficção: a notícia no século XXI

Héris Arnt*

Resumo – Neste artigo, tem-se por propósito demonstrar o quanto as narrativas jornalísticas e literárias podem estar imbricadas e como as fronteiras entre as duas áreas foram muitas vezes ultrapassadas. Buscam-se identificar algumas dessas narrativas híbridas e sua influência nos rumos do jornalismo contemporâneo.

Palavras-chave: romance sem ficção; reportagem; *new journalism*; Rio de Janeiro.

O jornalismo está num grande momento de transição. Novas definições e configurações vão marcar os destinos da mídia, nesses primeiros anos do século XXI. Uma das possibilidades com as quais trabalho é a de um retorno da imprensa às origens literárias – evidência disto, é que nunca se falou tanto, nem se republicou tanto sobre o *new journalism* e a *nonfiction novel*, como neste princípio de século. Se o campo do *new journalism* é mais facilmente identificado, a *nonfiction novel* coloca imensos desafios conceituais. A começar pela dificuldade, dentro da cultura brasileira, de definição do próprio título do movimento. As referências a este tipo de obra conservam o título em inglês, pois por literatura “não ficcional” entende-se uma gama infinita de gêneros, que vão dos títulos de auto-ajuda aos

clássicos da filosofia. O termo *nonfiction novel* foi magnificamente traduzido por Ivan Lessa como “romance sem ficção”. Pois se trata de um gênero que parte de uma minuciosa investigação jornalística, narrada em forma de romance. O termo foi criado pelo jornalista e escritor Truman Capote, que se considerava o inventor do gênero. Não foi ele o criador, como comprova a vasta produção de jornalistas americanos que praticaram o jornalismo literário. Mas foi ele que, com a publicação de *A Sangue Frio*, elevou o gênero à categoria de grande obra literária, influenciando toda uma geração de escritores norte-americanos.

O conceito de *new journalism* é utilizado para definir um tipo de texto que não se encaixa na categoria de notícia, propriamente dita. Trata-se de um subgênero de reportagem, em que

* Professora Titular da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
E-mail: heris@uol.com.br.



são relatadas histórias de interesse humano, pelo viés cômico e/ou trágico, envolvendo pessoas comuns. Esse gênero de reportagem permite maior liberdade de escrita, rompendo com os padrões rígidos do texto jornalístico, aproximando-se das narrativas realistas de ficção. Com uma única diferença – absolutamente nada no texto é fictício.

A questão conceitual criada a partir da publicação de *A Sangue Frio* foi de definição do novo gênero. Pode a *nonfiction novel* ser considerada uma obra literária ou trata-se de uma longa reportagem? Truman Capote relata a história de dois criminosos, que assaltam e matam quatro pessoas de uma família na cidadezinha de Holcomb, no Kansas, e que são condenados e enforcados. O autor levou seis anos entrevistando os protagonistas, lendo os documentos da investigação policial, procurando dados sobre o passado das vítimas, assim como dos dois criminosos. Muitos críticos, sobretudo no calor do lançamento dos primeiros capítulos publicados no jornal *The New Yorker*, acusaram Capote de ter deturpado a realidade dos fatos, em favor de suas idéias.

Em verdade, somente a cena final do livro foi comprovadamente uma criação ficcional do autor. A questão da realidade dos fatos está no centro da discussão sobre o gênero *nonfiction novel*. Sem entrar na discussão sobre o pouco de realidade possível quando se relatam fatos, a questão da veracidade é uma exigência do gênero. Sobre este ponto não existe negociação: ou os fatos existiram, tal como relatados, ou se

trata de ficção. E, neste ponto, a pesquisa de Capote foi absolutamente minuciosa. Obsessivamente, ele fez e refez as entrevistas com as mesmas pessoas, repetindo as mesmas questões. Este processo de construção de conhecimento sobre os fatos é característico do gênero, e neste aspecto muito se deve ao talento de Capote. Como ele mesmo dizia, não é qualquer bom repórter que pode ser autor de romances. Numa entrevista ao *New York Times*, em 1966, ele se refere aos jornalistas do *new journalism* dizendo: “eles não têm nada a ver com jornalismo criativo, no sentido em que eu uso o termo, porque nenhum deles, e nenhuma escola de jornalismo, têm o equipamento técnico próprio da ficção. Não vale a pena um escritor, cujo talento é essencialmente jornalístico, tentar a reportagem criativa, porque simplesmente não irá funcionar”.¹

O romance sem ficção tem por base a realidade e um estilo narrativo literário. Mas só isto não basta. Esta definição pode ser tanto a característica das melhores reportagens da história da imprensa, quanto de obras de literatura realista. Tão importante quanto os fatos reais e a escrita literária é o processo de construção do conhecimento sobre determinado fato. O romance sem ficção é indissociável do processo de investigação, da criatividade e da individuação do autor. Um outro fator, queiramos ou não, é a construção crítica sobre a obra. A crítica, em última instância, vai distinguir o que é literatura do que não é. No caso de *A Sangue Frio* não se



discute mais sobre este ponto: quarenta anos depois da publicação, o romance continua a suscitar discussões literárias e a gerar grande número de ensaios. A questão do real no romance sem ficção se coloca em termos de fidelidade aos elementos factuais, pois os recursos discursivos e estilísticos são de total liberdade do autor e são próprios do romance. Ou seja, o autor sai do factual para ir ao fundo das motivações humanas, sem a qual não há criação artística. Estou me alongando sobre a obra de Truman Capote, pois ela é paradigmática desta discussão sobre as fronteiras entre literatura e jornalismo.

Estamos vivendo um momento profícuo de discussão sobre os destinos da literatura e do jornalismo, em face da predominância da internet como meio de informação e de suporte da escrita. A inquietação sobre o destino do jornal é comprovada pela vasta publicação de livros e pelo grande número de debates acadêmicos e jornalísticos sobre o tema. Este debate realiza-se no Brasil, sobretudo na área acadêmica, pelo viés da inovação e impacto provocados pelas novas tecnologias. Ora, os mecanismos da informação jornalística na sociedade são muito mais complexos do que isto. Uma análise da história da imprensa, num longo período, mostra que a inovação tecnológica sempre esteve associada à necessidade social de informação, e não o contrário. Tão importante quanto a novidade tecnológica são as formas criativas pelas quais a sociedade se apropria dos meios com o objetivo de se

informar, transmitir conhecimentos e participar da vida cultural e literária de determinada época. Com o objetivo de demonstrar este argumento, faço uma pequena observação sobre a história do jornalismo na Europa.

Em alguns países europeus, com o jornalismo atrelado ao poder do Estado, existiu paralelamente uma imprensa popular e clandestina, que se apropriava dos conhecimentos e obras instituídas da sociedade com o objetivo de levar a informação ao povo semi-alfabetizado. Apresento dois exemplos paradigmáticos da influência desta imprensa, um ocorrido na Inglaterra, outro na França, cujos efeitos se fazem sentir até hoje.

Na Inglaterra, folhas informativas populares se especializaram em azucrinar a vida da família real.² Os soberanos mais inteligentes não as combatiam, mas criaram suas próprias gazetas que floream as efemérides da família real. Enraizado no âmago da cultura inglesa, surpreende a qualquer visitante desavisado o número de revistas e jornais que se alimentam das fofocas reais, na Londres contemporânea. Desde o século XVI, existiu na França um lucrativo comércio de folhas populares, como alternativa aos jornais institucionais e severamente censurados. Com grande inventividade, gazeteiros (jornalistas) se dedicavam ao ofício de vender notícias, impressas ou manuscritas. Não tenho aqui espaço para descrever em minúcias o sistema que criaram, mas quero me referir às gazetas especializadas em literatura, que durante mais de duzentos



anos foram produzidas nos jardins do Luxembourg e vendidas pela cidade. Esse grupo interessa diretamente, pois chamava o seu produto de *journal*, numa referência ao gênero literário dos “diários”, e os profissionais se intitulavam jornalistas. A importância deles foi tão grande que o termo jornal passou a designar a imprensa e os termos jornalismo e jornalista estão em vigor até hoje em grande número de países.

E o que faziam esses jornalistas? Copiavam obras literárias em capítulos, criticavam as obras de que não gostavam (infernizavam a vida de Voltaire) e reproduziam as peças de teatro que copiavam durante o espetáculo. Os jornais eram vendidos para o povo alfabetizado, ou eram lidos em praças públicas e cafés, em troca de alguns tostões. Como muitas peças não eram escritas na íntegra (somente as falas mais longas), deve-se a eles a sobrevivência de muitas peças teatrais. Para o estudioso de imprensa francês, Eugène Hattin, o formato moderno do jornal é tributário dessas folhas impressas literárias, mais do que da imprensa política institucionalizada.

Neste momento de tensão sobre o jornalismo, as discussões sobre o destino da imprensa remetem ao significado da escrita jornalística, que transcende à questão unicamente da informação. Este enfoque tem levado editores, jornalistas e pesquisadores a investigarem as raízes do jornalismo literário.

Na França nunca houve uma separação muito nítida entre jornalismo e literatura, apesar da desconfiança de ambas as partes, e não

ocorreu a ruptura radical entre os dois campos, como na história da imprensa americana. Nos Estados Unidos o jornalismo afirma-se, desde o século XIX, em oposição ao discurso literário, e assume um caráter essencialmente informativo, e terá como característica a desconfiança e a denúncia em relação às instâncias do poder político. Podemos dizer que o jornalismo investigativo é próprio dos EUA e indissociável da cultura norte-americana.

As inquietações com o destino da imprensa escrita, em decorrência do impacto provocado pela mídia digital, abalam igualmente tanto os Estados Unidos quanto outros países de cultura jornalística forte. A imprensa norte-americana reencontrou, na forte tradição do *new journalism*, uma fonte de renovação. Este estilo jornalístico, num certo sentido, representa um retorno às origens literárias da imprensa, com a revalorização da reportagem enquanto discurso do cotidiano e do social. Uma análise do jornalismo, no cotejo com a literatura, indica este caminho como um dos rumos possíveis para o jornalismo, diante da concorrência desigual com a mídia eletrônica e digital. Nos Estados Unidos, onde a influência literária³ vai ser pouco marcante no *corpus* dos grandes jornais, vão se desenvolver esses aspectos importantes de criação jornalística, que apontam para uma tendência do jornalismo atual: o *new journalism* e a *nonfiction novel*, que surgiram nos anos 1960/70.

Fruto desta inquietação com o destino do jornalismo impresso é o novo impulso da *nonfiction novel*, não só no Brasil como nos



Estados Unidos e em outros países europeus. Podemos dizer que existe uma corrida das editoras para publicarem o que de melhor se escreveu na imprensa, nos últimos oitenta anos. A *nonfiction novel* e o *new journalism* são as duas faces do mesmo fenômeno: “uma revolução completa da escrita, que leva a tratar do mesmo modo os domínios do real e do ficcional.” (Muhlmann, 2004, p. 128) Se no Brasil nós temos uma tradição de “grandes reportagens”, gênero próximo do *new journalism*, a *nonfiction novel* tem tido dificuldades de eclodir. Apesar da efervescência das publicações na fronteira entre o jornalismo e a literatura, poucas obras brasileiras se enquadram na exigência estilística da *nonfiction novel* norte-americana.

Para a pesquisadora e filósofa Géraldine Muhlmann, especialista nos estudos da imprensa, o jornalismo é uma prática que consiste em observar o presente e dividir com o público esse olhar. O jornalismo é, portanto, uma construção discursiva dos acontecimentos cotidianos, prosaicos ou não, que ocorrem na sociedade. Literatura e jornalismo têm, deste ponto de vista, um denominador comum: o relato na forma escrita.

O jornalismo está num momento de transição, novas definições e configurações vão marcar os rumos da mídia, nesses primeiros anos do século XXI. As discussões estão num momento de grande efervescência – o debate sobre o destino da imprensa e das novas configurações do jornalismo está em toda a

sociedade: na vasta publicação de livros, nos debates acadêmicos e públicos, nas discussões com especialistas e teóricos pela televisão e pelo rádio.⁴

A observação de Géraldine Muhlmann, sobre o jornalismo na América, se confirma numa leitura dos jornais. Observa-se a retomada de uma análise dos jornais norte-americanos da vitalidade do *new journalism* como uma saída para o impasse atual da imprensa. Atentos ao debate, os editores americanos têm republicado em livro os grandes momentos do *new journalism*. Movimento este também observado no Brasil. A editora Companhia das Letras vem publicando, sob a rubrica de jornalismo literário, grandes momentos da imprensa internacional e brasileira. E a editora Agir publicou uma série de reportagens políticas de Antonio Callado, sob a rubrica fato/ficção, sobre a “Guerra do Vietnã” e o “Nordeste” brasileiro, nos anos de 1960. Essas reportagens são paradigmáticas do jornalismo político/literário brasileiro, dentro de uma tradição do “panfleto”, conforme a origem histórica do termo, que não tem a conotação negativa que possui hoje. O conceito de panfleto é validado pela Unesco, que o define como um texto de defesa de idéias, publicado em brochura e que deve ter um mínimo de cinco páginas e o máximo de 48. Para o pesquisador e lingüista Marc Angenot, o panfleto é uma modalidade particular de texto caracterizada pela “literatização” do político e de “politização” do literário (1995). Este conceito é o que melhor



define um gênero de jornalismo político literário brasileiro e explica um aspecto da vasta produção de crônicas de Machado de Assis, assim como as reportagens acima referidas de Antonio Callado.

M. Schuldson faz em 1995 uma colocação teórica sobre a mídia, que ajuda a compreensão do fenômeno. Para ele, os estudos (e a crítica) sobre a mídia devem partir da compreensão da notícia (*news*) “como uma instituição social e cultural”; portanto, inserindo o jornalismo dentro da produção simbólica cultural da sociedade. Nesta perspectiva, agregam-se ao texto jornalístico valores de criação discursiva. As crônicas de Machado de Assis mostram a gênese da informação político-literária na cultura jornalística brasileira.

O texto jornalístico alimenta-se do fluxo cotidiano e sua conclusão é sempre transitória, passível de ser alterada por novos acontecimentos. Isto quer dizer que a análise da

imprensa na perspectiva de verdade é falha. Ainda que a informação seja primordial, a função narrativa, ou seja, a construção de relatos é indispensável ao desempenho do jornal. E eu vou mais longe: inspirando-me no pensador socialista utópico Charles Fourier (1772-1837), posso dizer que o jornal tem um papel importante na sociabilidade. Para o pensador, a necessidade de fabulação (inventar histórias) é um dos três fatores que criam a possibilidade de interconexões no interior da sociedade,⁵ e Fourier pertence a uma linhagem teórica que valoriza as inter-relações sociais. Em trabalho anteriormente publicado,⁶ conceituo a função de narratividade como indispensável ao *fabro* jornalístico, que é o prazer suscitado pelo texto e o envolvimento na leitura. O jornal, desde os primórdios, vai dividir com a literatura esta função: oferecer à sociedade os relatos sobre ela própria, como antes da popularização do livro faziam os cronistas, missivistas e trovadores.

Referências Bibliográficas

- ANGENOT, Marc. *La parole pamphletaire*. Paris: Payot, 1995.
- ARNT, Hérís. *Palavras Bytes Linguagens: os caminhos do jornalismo*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2005.
- FOURIER, C. *Théorie des quatre mouvements et des destinées générales (1808)*. Paris: J. J. Pauvert, 1967.
- MUHLMANN, Géraldine. *Du Journalisme en Démocratie*. Paris: Payot, 2006.
- _____. *Une bistoire politique du journalisme*. Paris: PUE, 2004.
- SCHULDSON, M. *The Power of News*. Cambridge: Harvard Univ. Press, 1995.
- WEILL, Georges. *Le journal: origines, évolution et rôle de la presse périodique*. Paris: La Renaissance du Livre, 1934.



Abstract – *This article aims at demonstrating how interwoven literary and journalistic narratives can be and how their frontiers have often been trespassed. It seeks identifying a few of these hybrid narratives and their influence over the direction taken by contemporary journalism.*

Keywords: *nonfiction novel; news reporting; new journalism; Rio de Janeiro.*

Resumen – *El propósito de este artículo es demostrar cuanto los relatos periodísticos y literarios pueden estar superpuestos y como las orillas entre las dos áreas fueron traspasadas a menudo. Se intenta identificar algunos de estos relatos híbridos y su influencia en los rumbos del periodismo contemporáneo.*

Palabras-clave: *novela sin ficción; reportaje; new journalism; Río de Janeiro.*

Notas

- ¹ Ver: <<http://static.publico.clix.pt/docs/cmf/autores/trumanCapote/holly.htm>>.
- ² Uma das mais antigas referências a essas folhas informativas na Inglaterra aparece na Ordem Real de 1275, contra os propagandistas de notícias. (Weill, p. 7)
- ³ A grande imprensa americana do século XIX não publicava folhetins, como ocorreu no jornalismo europeu e brasileiro. Em decorrência disto, houve uma grande proliferação de jornais de literatura, nos quais os autores americanos publicavam suas obras. O jornal especializado em literatura é uma peculiaridade da cultura americana, da qual o *The New Yorker* pode ser considerado um remanescente.
- ⁴ Tenho acompanhado este debate não só nas viagens que faço anualmente aos dois países, mas pela leitura de jornais e pesquisa na internet.
- ⁵ São eles: a necessidade de variedade (*papillonne*), a que reúne a felicidade dos sentidos e do espírito (*composite*) e a fabulação (*cabaliste*).
- ⁶ *Palavras Bytes Linguagens*.

